

O QUE A APROPUC REIVINDICA NAS ALTERAÇÕES CONTRATUAIS DOS DOCENTES

Dia 17/11, acontece uma reunião extraordinária do Conselho Universitário para discutir exclusivamente possíveis reformulações nos contratos docentes e no acesso e promoção à carreira. Uma comissão, composta por dois representantes da Fundação São Paulo, dois da Reitoria e dois do Consun, sendo um deles o professor Fábio Gallo, da Faculdade de Economia, vem se debruçando há várias semanas sobre o tema e poderá propor, já no dia 17, algumas alterações para os contratos docentes. Desde 2006 os contratos dos professores vêm se tornando cada vez mais irregulares na PUC-SP, com a ampliação da precarização das condições de trabalho.

Para APROPUC algumas mudanças estruturais são fundamentais para tirar o professor da posição de exploração que cada vez mais toma conta da instituição. Em primeiro lugar, torna-se prioritária a unificação das tabelas salariais. Hoje existem três tabelas docentes (e outras tantas para os funcionários) que fazem com que o mesmo trabalho receba diferentes remunerações. Uma tabela para os professores mais antigos, outra para os que se titularam a partir de 2006, que ficam represados por um período, e a partir do acesso à

carreira migram para a tabela nova, e finalmente os professores que ingressaram na PUC depois de 2006, que são contratados na nova tabela de salários, rebaixada. Dessa forma, de nada adiantará garantir-se o acesso ou a promoção do docente na carreira se ele tiver o seu salário rebaixado em comparação com aquilo que ganha outro docente de sua mesma categoria, mas inserido em outra tabela. De acordo com a Convenção Coletiva de Trabalho 2010, no item 6-Salário do Professor Ingressante na Mantenedora: "A mantenedora não poderá contratar nenhum Professor por salário inferior ao limite salarial mínimo dos Professores mais antigos que possuam o mesmo grau de qualificação ou titulação de quem está sendo contratado, respeitado o quadro de carreira da Mantenedora" (CC Sinpro, 2010:6). Isso supõe salário igual para trabalho igual, portanto o que vigora atualmente é ilegal.

Ainda de pouco valerá promoções ou ingressos na carreira se persistir a deliberação 1/2006 que modifica a 65/78 e introduz nos contratos docentes a tão odiada maximização, que amplia o trabalho do professor pelo mesmo salário e reduz contrato de outros, prejudicando a atividade acadêmica com o sobretrabalho.

Por outro lado, existe

uma contradição entre o texto do estatuto e o texto do regimento da universidade no tocante à proporção de categorias funcionais em cada departamento. Depois da discussão do estatuto, a Fundação São Paulo inseriu no regimento interno uma pirâmide que estipula 30% de auxiliares de ensino, 25% de mestres, 25% de doutores, 10% de titulares e 10% de associados. Hoje, vários departamentos estão acima dos números previstos, outros encontram-se imobilizados, pois não podem mais promover seus docentes.

Contrariando a 65/78 os gestores introduziram os chamados "contratos quebrados", ou seja, ao invés das tradicionais TP 10, 20, 30 e Tempo Integral, remunera-se os professores em faixas intermediárias, (TP-5, TP-15, TP-25 e 35) o que reduz mais ainda o contrato docente. Esta prática tornou-se rotineira tanto na graduação como na Pós e invade a extensão, onde o critério de número de alunos passou a vigorar.

Outro problema sério é a ingerência de setores administrativos na gestão acadêmica. Há alguns anos as direções de Faculdades determinavam os contratos docentes, hoje eles passam pela Divisão de Recursos Humanos e posteriormente pela SAE, que não poucas vezes altera os salários de acordo

com as informações disponíveis em seus sistemas. Os professores até conseguem reverter esta situação, porém sujeitam-se a receber a diferença com atraso e sem correção monetária, o que também contraria a Convenção Coletiva de Trabalho. Trata-se fundamentalmente de uma ingerência do setor administrativo na questão acadêmica, uma espécie de poder paralelo que tem a última palavra sobre os contratos docentes.

Para a APROPUC, a solução de todas estas demandas é fundamental, pois de nada adiantarão mudanças superficiais. Por mais boa vontade que tenham os integrantes da Comissão de Revisão do Contrato Docente, a discussão destes temas é prioritária para que mantenhamos nossa dignidade acadêmica e profissional, fruto de uma conquista histórica nos contratos de trabalho por tempo. Esses pontos vêm sendo reiterados nas assembleias da entidade e compreendemos que a questão do Contrato de Trabalho é acadêmica e trabalhista.

**SALÁRIO IGUAL PARA
TRABALHO IGUAL
UNIFICAÇÃO DAS TABELAS
CONTRATUAIS
FIM DA MAXIMIZAÇÃO
FIM DO REPRESAMENTO**

Diretoria da APROPUC

PUC EM MOVIMENTO

Após conquistar Agência Online, Jornalismo termina a greve

Terminou na sexta-feira, 29/10, a greve dos professores e estudantes do curso de Jornalismo da PUC-SP. Os dois setores avaliaram como vitoriosa a mobilização do curso que reivindicava a instalação de uma Agência de Notícias Online. A Agência faz parte das alterações curriculares aprovadas em 2006 nas várias instâncias universitárias da PUC-SP. Porém, a tramitação para a instalação da Agência lutou contra a burocracia da universidade durante os últimos quatro anos.

A Agência dividirá o seu espaço com a Rede PUC, no térreo do edifício da Faficla, conhecido como "Cingapura", no corredor da Cardoso de Almeida, e deverá entrar em funcionamento assim que os equipamentos - cuja licitação já está em andamen-

to - sejam adquiridos. Os professores decidiram batizar a Agência com o nome de Maurício Tragtenberg, professor da PUC-SP e da USP, que durante sua vida teve uma trajetória de combatividade notável. Maurício destacava-se pela sua crítica à burocracia universitária, postura que ficou famosa em vários artigos publicados, principalmente no texto *Delinquência Acadêmica*.

Prioritariamente a Agência divulgará além das atividades puquianas uma cobertura dos movimentos sociais que ocorrem no país. Também está prevista a divulgação de trabalhos curriculares dos alunos e artigos de estudantes e professores.

POSIÇÃO DA DIRETORA

Durante o Consad que decidiu pela instalação da

Agência os gestores fizeram uma série de críticas aos trâmites burocráticos que emperraram a rápida instalação do laboratório. Padre Rodolpho Perazzolo chegou a qualificar de kafkiano o processo que desembocou na greve do curso. Por outro lado, os docentes e estudantes do curso divulgaram um manifesto imputando boa parte desta demora aos encaminhamentos dados pela diretora da Faficla, professora Sandra Mraz.

A diretora procurou o **PUCviva** e manifestou a sua vontade de responder às críticas que lhe foram endereçadas: "Tendo sido publicado na primeira página da edição nº. 761 do **PUCviva**, distribuída em 03.11.2010, um texto sobre a aprovação da Agência de

Jornalismo Online, no qual a Direção da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes é citada, e tendo sido informado pelo Prof. Valdir a esta Direção que a pauta seguinte do jornal (nº. 762) já havia sido fechada no próprio dia 03/11, solicitamos que nessa edição [762] seja então publicada esta nota informando aos leitores que a próxima edição do **PUCviva** contemplará a resposta fornecida pela Direção, a qual - esperamos - também seja publicada na primeira página".

Dessa maneira informamos à professora que o seu artigo deverá ser publicado na próxima semana no espaço dedicado à manifestação de professores, funcionários e estudantes que é a sessão Fala Comunidade.

Estudantes continuam mobilização pela redução de mensalidades

O reitor Dirceu de Meilo enviou ofício aos Centros Acadêmicos em resposta ao abaixo-assinado organizado pelas entidades, que entre outras coisas, reivindicava a redução de mensalidades e a abertura do edital de bolsas de estudos da própria PUC-SP. Neste ofício, o reitor encaminha cada um das pautas elencadas para pró-reitoria responsável pelo assunto para que esta presente na reunião do Consad (Conselho Superior de Administração) do dia 18/11 um parecer.

Em resposta, cerca de

100 estudantes realizaram dia 4/11, no Pátio da Cruz, uma reunião para programar os próximos passos da campanha. A compreensão geral da reunião foi de que as reivindicações só serão atendidas com intensa mobilização da comunidade.

Foi estabelecido um cronograma de atividades para as próximas duas semanas, que envolvem atividades culturais e debates, fechando com um ato.

Desde o início do ano diversos CAs organizam

dos Centros Acadêmicos) uma campanha pela redução das mensalidades. O ápice do movimento aconteceu durante a Audiência

Pública com o Consad e no abaixo-assinado que reuniu cerca de 2200 assinaturas de estudantes de toda a universidade.



Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 –
CEP: 05009-000 –
Fone: 3872-2685.

Afafuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 –
Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo
Reportagem: Victor Sousa, Caio R. Zinete Marina D'Aquino

Fotografia: Luana Lila
Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas, Lúcio Flávio R. de Almeida e Victoria C. Weischardt

Debate reflete sobre movimentos sociais no Brasil e México

No dia 29/10, aconteceu a mesa *A Revolução Mexicana e os Movimentos Sociais Contemporâneos*, atividade de encerramento do seminário 100 Anos da Revolução Mexicana. O debate foi moderado por Lúcio Flávio de Almeida, Departamento de Política e APROPUC, e teve participação de José Arbex Jr., Departamento de Jornalismo, Helena Silvestre, militante de movimentos por moradia, Pedro Santinho, trabalhador da fábrica ocupada Flaskô e Waldo Lao, mestrando do Prolam-USP.

LEGADO DA REVOLUÇÃO

O mexicano Waldo Lao, que ajudou a organizar o seminário, abriu as falas comentando o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, EZLN, em 1994. "O EZLN foi criado em um momento de ruptura. De um lado a assinatura do NAFTA e, de outro, a insurreição armada de povos do sul", comentou.

Ele lembrou que esses novos movimentos sociais, surgidos no sul do país, têm um forte papel na busca pela identidade cultural e autonomia do povo mexicano, mas sofre com a forte repressão do governo do país. "O narcotráfico se tornou a desculpa para a repressão. Este ano, dos 30 mil mortos pela polícia no combate às drogas, cinco mil eram civis", comentou.

"A nova vertente do Zapatismo tem uma nova articulação e identidade.

Não olham apenas para o passado, não lutam apenas por terra", comentou. "As mulheres, por exemplo, têm um papel fundamental dentro dos movimentos", concluiu.

REFLEXOS NO BRASIL

Pedro é trabalhador da Fábrica Flaskô, em Sumaré, que está ocupada desde 2003, ele comentou que, quando os patrões declararam falência, em 2002, os trabalhadores decidiram continuar trabalhando. "Depois de uma assembleia, nós decidimos assumir o controle da fábrica e trabalhar como sempre fazíamos, coisa que o patrão seria incapaz de fazer", comentou.

"É preciso lembrar que não queremos ser donos da fábrica. Ao invés de continuar fazendo o que o capital já faz, queremos discutir como enfrentar os outros patrões do ramo", explicou.

Helena Silvestre, ao estudar a Revolução Mexicana, percebeu que "existem coisas em comum com a conjuntura de hoje no Brasil, guardadas as especificidades", disse. "No Governo Lula, houve um cooptação muito grande no movimento urbano. Antigos companheiros de luta, hoje assumiram cargos e organizam a base de maneira institucional", comentou. "As concessões são feitas do trono para quem elegeu o rei", refletiu Silvestre.

Depois, ela comentou que a esquerda precisa repensar a sua relação com



Acima, à esq., Waldo Lao, à dir., Lúcio Flávio de Almeida. Abaixo, à esq., Helena Silvestre e, à dir., José Arbex Jr.

a classe trabalhadora e o povo pobre. "Precisamos avançar, é necessário criticar o distanciamento, a superestruturação e burocracia das organizações. Temos que fazer mais trabalho de base, que não é fácil, nem rápido", afirmou. "Só vamos conseguir por nós mesmos", concluiu.

José Arbex Jr. comentou que o debate da Revolução Mexicana é mais atual do que nunca. "Esse não é um simples exercício de retórica, basta ver o que acontece hoje no Arizona e sua política contra imigração", disse. "Existe um processo de fascitização e ascenso do racismo dentro da classe média americana, que tem os evangélicos fundamentalistas como ponto de

apoio", concluiu Arbex.

O professor e jornalista lembrou que, hoje, nos EUA existem bolsões de miséria, que atingem 30% da população norte americana, além de 50 milhões de pessoas vivendo abaixo da miséria. "Essa tensão social produz mais racismo e fascismo", comentou.

Em seguida, o professor leu um trecho de um discurso do Comandante Marcos, que relata apoio a várias minorias do mundo. "Nossa indignação não pode ser congelada pela institucionalização, devemos nos identificar com todas as minorias", exclamou Arbex. "Recordar a Revolução Mexicana é dizer que não somos um cemitério de vivos", concluiu Arbex.

**Lúcio Flávio Rodrigues
de Almeida**

Que o século passado foi pontilhado de revoluções todos sabemos. Como será, a este respeito, o século XXI? Eis uma questão cuja resposta passa pelo exame acurado dessas experiências da chamada era dos extremos.

O que poucos levam em conta é que a América Latina, mais especificamente o México, foi cenário de uma das primeiras e mais importantes revoluções do século XX. Iniciada de modo pouco previsível em 1910, teve forte participação de massa, inclusive do campesinato que, sob as principais lideranças de Pancho Villa e Emiliano Zapata, chegou a intervir com ampla margem de autonomia; derrubou um governante que parecia irremovível há 34 anos (como a ditadura militar brasileira, mas sem a crise prolongada pela qual esta passou); aprovou uma constituição incrivelmente inovadora para a época; implementou políticas de reforma agrária; e - o que não foi pouco - manteve o Estado mexicano na contracorrente da onda nazifascista.

A Revolução Mexicana pautou, de um modo ou de outro, grandes questões com as quais estiveram às voltas os movimentos revolucionários que se seguiram: problema da organização; das alianças de classes; da direção política, a começar pelas relações entre a composição dos movimentos reais e a estruturação do poder de Estado. Os impactos desta revolução não se restringiram ao país de origem nem se limitaram - como ocorre com todas as grandes revoluções - ao plano estritamente político. Até hoje se fazem presentes nas mais diversas modalidades de produção cultural (literatura, cinema, música) e inspiram lutas em todo o continente. A começar pelo próprio México, onde atua, por exemplo, o Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Cem anos da Revolução Mexicana:

Múltiplos enfoques sobre Nuestra América tão longe de Deus (e das salas de aula) e tão perto dos Estados Unidos

Não deixaríamos passar em branco a oportunidade de discutir criticamente esta riquíssima experiência, com um olho no passado e outro nas perspectivas que se apresentam às novas lutas pela transformação social.

Waldir Rampinelli, coordenador do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA), da Universidade Federal de Santa Catarina, deu uma erudita e apaixonada conferência, destacando, metodicamente, por um lado, seus aspectos popular, nacionalista, antiimperialista e anticapitalista da revolução mexicana. Por outro lado, abordou os fatores que levaram à interrupção do processo e à sua precoce e fatal institucionalização. Para abordar as relações entre este processo revolucionário e o cinema, Mauro Luiz Peron (PUC-SP), escolheu sequências do filme *Viva Zapata*, de Elia Kazan, que, ao serem projetadas na parede maior do Museu da Cultura, produziram um novo e surpreendente efeito estético, o que estimulou ainda mais a platéia a

intervir em discussões que iam das complicadas relações entre líderes e liderados ao modo como um certo cinema em determinado contexto trabalhava estas relações. Este rico diálogo teve o extremo cuidado de não reduzir o filme a mera ilustração do processo histórico, preservando sua especificidade como obra estética e, portanto, dotada de caráter cognoscitivo.

O ciclo se encerrou na noite da última sexta-feira com a realização de uma mesa-redonda voltada para as relações entre a revolução mexicana e os movimentos sociais na América Latina contemporânea. Waldo Lao Fuentes, ativista social e pós-graduando do PROLAM (Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da USP), expôs as características dos principais movimentos sociais mexicanos de hoje, em especial o EZLN; Pedro Santinho, vinculado ao processo de ocupação da fábrica FLASKO, falou sobre esta importante experiência do movimento operário; Helena Sil-

vestre, ativista social, expôs, com lucidez e emotividade, a partir de sua experiência nas lutas pela moradia na Grande São Paulo, os imensos desafios enfrentados pelos movimentos sociais ao se confrontarem com uma série de dispositivos de repressão e cooptação; José Arbex (PUC-SP e Escola Nacional Florestan Fernandes) a partir de uma série de denúncias bem fundamentadas empiricamente, qualificou a política do Estado brasileiro como terrorista, problematizou a conceitualização do regime político como democrático e, a partir daí, formulou uma série de questões acerca dos rumos a serem tomados pelas atuais lutas antisistêmicas. Como ninguém choveu no molhado, os debates entre os participantes da mesa foram acalorados e contaram com intensa participação da platéia, o que, apesar do final de semana ampliado, prolongou os trabalhos até por volta das onze da noite.

Em todas as sessões houve quem expressasse a demanda por mais estudos, inclusive em sala de aula, sobre questões latino-americanas, especialmente as marcadas pela presença das classes populares. Embora o circuito cinematográfico da cidade seja muito bom e núcleos de pesquisa já promovam excelentes eventos com o recurso à filmografia, também houve manifestações no sentido de que se produzam mais eventos, sediados nesta universidade, como o que se fez em torno da projeção do filme de Elia Kazan. Também neste caso, a APROPUC está à disposição. E, claro, os debates sobre os desafios dos movimentos sociais (e das esquerdas em geral) serão retomados por esta associação ainda neste semestre.

Na realização deste ciclo sobre os 100 anos da revolução mexicana, a APROPUC trabalhou em estreita relação com o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS) e do PROLAM.

GAUCHE NA VIDA

"Desde o céu... Com Perón"

Pablo Stefanoni

"Hugo, pare de trepar com o socialismo", teria dito Néstor Kirchner a Hugo Chávez. A citação resume bem um aspecto de como o ex-presidente argentino pensava a política.

Kirchner não deixou de recorrer à mobilização ideológica nacional-popular para criar a mística em sua tropa e também entre os setores não peronistas que o apoiaram porque viam renascer os sonhos abruptamente cortados da "gloriosa juventude" dos anos 70. Mas nunca teve uma visão idealizada da política: sempre acreditou que o poder se constrói por meio da criação de uma eficaz rede de interesses (e dependências) e tentou fazer isso desde que se livrou de Eduardo Duhalde, por cuja mão transitou de uma despovoada província do extremo sul argentino à direção os destinos do país. A política (e o poder) e o dinheiro (sem a frivolidade que costuma acompanhá-lo) foram sua verdadeira obsessão. Kirchner foi, no dizer de Maristella Svampa, o presidente inesperado, que soube captar, com o inigualável olfato dos peronistas, as aspirações da Argentina que tentava sair de uma das piores crises de sua história. O antiliberalismo era popular em 2003 e nisso apostou o kirchnerismo, sem deixar de construir um "capitalismo de amigos" e reescrevendo sua própria história de militantes combativos desde os setenta até os 2000.

Agora é Cristina Fernández - imposta por ele como candidata em 2007 - sua única herdeira. A tentação de comparar este drama com a morte de Peron em 1974 e sua sucessão pela esposa vice-presidente Isabel Martínez não é produtiva.

Como se observou nestes dias, nem Kirchner - apesar das comparações de seus mais leais seguidores - é Perón nem Cristina é Isabelita. A atual mandataria está longe da inabilidade política (e mental) da ex do general. Mas isto não resolve o problema. Kirchner era uma espécie de co-presidente, além de líder do Partido Justicialista, a principal base de apoio a seu "modelo". Deste posto, o ex-presidente garantia que governadores e prefeitos não migrassem rumo ao peronismo federal (Anti K). Controlava-os eficazmente por meio dos fundos estatais.

Se algo herdaram os seguidores de Perón é o olfato para saber onde se ganha e onde se perde poder. Daí a máxima partidária segundo a qual o peronismo perdoa qualquer coisa, exceto a derrota. Até agora era Kirchner quem definia a agenda, dividia águas e inspirava temor nos poucos leais e inimigos. E sua recuperação nas sondagens lhe permitia sonhar com a volta à Casa Rosada em 2011. Estava em tudo: desde suas responsabilidades na UNASUR até o limite do prosaico, como organizar um ato na Grande Buenos Aires. Além disso, era, na sombra, ministro da Economia e, caderneta na mão, controlava o dia a dia das contas fiscais. Dizem que como seu avô merceeiro na Patagônia, mas, sem dúvida, com bastante eficácia.

Agora veremos se existe ou não o "cristinismo". Muitos dos que não se animavam a lançar-se em 2011, como o governador de Buenos Aires, Daniel Scioli, já têm mais espaço no jogo. O peronismo é um formigueiro. E o clima não deixa de ser inusitado: não foi a oposição que derrotou Kirchner, mas ele mesmo, não ouvindo

os conselhos médicos e fugindo para a frente. Como outros caudilhos - e isto deveria chamar a atenção de outros líderes progressistas da região: ninguém é eterno -, só construía para ele. Daí a dúvida se o clima de comoção e mobilização de sentimentos que agora beneficia a presidenta lhe será suficiente para preencher o vazio. Ainda que hoje não seja politicamente adequado falar precisamente de política, isto não impede que a luta para posicionar-se no novo cenário tenha começado com força.

Sem dúvida, Cristina não poderá governar somente com base na crença de estar fazendo a revolução e precisa renovar as alianças menos épicas que as costuradas por Néstor. Como o caso de Hugo Moyano, líder de uma CGT revitalizada embora sem perder os métodos do sindicalismo filomafioso da burocracia sindical da era Menem (e de muito antes). Moyano não está fazendo a revolução, mas construindo poder. E, embora tenha se pronunciado pela reeleição de Cristina, terá de ver o que acontecerá quando baixar o teor de mística destas horas.

Ninguém previa este cenário em que os sentimentos se entrelaçam com a política e se valoriza o lado bom da gestão (redistribuição de renda, regresso do Estado...) em detrimento do ruim e até o vice-presidente "traidor" Julio Cobos diz que o Pinguim foi "um grande presidente". Mas resta saber se o kirchnerismo sobreviverá a seu chefe máximo e como o fará. Sem dúvida, Cristina já não tem a sombra de seu marido e, a partir de agora, será presidenta plena. Mas deverá construir sua base de poder. Embora, na Plaza de Mayo, seus seguidores cantassem "Kirchner não morreu... conduz-nos desde o céu

com Juan Perón", a situação ficou incerta. E assim se respira dentro do poder.

Kirchner foi velado na Casa Rosada - símbolo do poder em estado puro, no dizer de Susana Viau - para onde queria retornar, e não no Congresso, onde o poder se comparte. Na sala do Bicentário, entre fotos de Che e Salvador Allende, que ressaltam a face mística militante do kirchnerismo, apoiado incondicionalmente por Mães e Avós da Plaza de Mayo; o outro lado desta moeda é o pragmatismo exagerado com o qual convive em uma tensão do próprio peronismo. Os comunistas marcharam com a bandeira "Até a vitória sempre, Néstor" e em algum bairro oligárquico dizem que se escutou alguma buzinação festiva.

Pablo Stefanoni é jornalista e economista (UBA); diretor da edição boliviana de Le Monde Diplomatique. Correspondente dos diários Clarín (Buenos Aires) e Il Manifesto (Roma) e do semanário Brecha (La Paz).

O texto acima foi publicado originalmente em Brecha, 29-10-2010. Traduzido da versão disponível em Sinpermisso electrónico de 31/10/2010 por Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida.

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

FALA COMUNIDADE

Nota do Coletivo

Diversidade em Ação

O Coletivo DIVERSIDADE EM AÇÃO está em luta desde junho de 2010 contra as manobras da chapa APG-INTEGRAÇÃO ATIVA que a todo custo quer levar em frente uma eleição ilegal e ilegítima. O golpe final, realizado pela chapa da situação e pelo presidente da Comissão Eleitoral, ocorreu no dia 14 de outubro de 2010: mesmo cientes da falta de quorum eleitoral devido a impugnação da urna do campus Monte Alegre e do parecer jurídico favorável a nulidade de todo o processo emitido pela CAJ, deram prosseguimento a uma apuração ilegal de acordo com o previsto no art.48 do estatuto da APG/PUC-SP. Ressalta-se que o Coletivo DIVERSIDADE EM AÇÃO, desde 28 de agosto de 2010, tem lutado para a realização de um novo pleito.

Após sucessivas denúncias da chapa DIVERSIDADE EM AÇÃO sobre a ilegitimidade e ilegalidade do processo eleitoral, a Coordenadoria de Assuntos Jurídicos da PUC-SP (CAJ), a pedido do Pró-Reitor Hélio Deliberador (convidado pelo presidente da Comissão Eleitoral para intermediar e intervir na situação), emitiu um parecer no qual se pronunciou favoravelmente à nulidade do processo, por julgá-lo ilegal, já que constatou erros insanáveis referentes

aos editais de convocação. Entretanto, embora a CAJ tenha emitido seu parecer em setembro de 2010, o Presidente da Comissão Eleitoral não o levou em consideração. Reconheceu somente os pontos que favoreciam a chapa de situação, numa postura nada imparcial. O presidente da comissão eleitoral foi indicado pela atual gestão da APG.

Sobre a falta de quorum eleitoral, o artigo 48 do estatuto da APG prevê que uma chapa para ser considerada vencedora deverá obter o maior número de votos "desde que alcançado o quorum mínimo eleitoral de 10%" dos estudantes autorizados a votar. Portanto, o quorum eleitoral mínimo desta eleição é 818 votos, visto que foram contabilizados um total de 8.177 estudantes de pós-graduação regularmente matriculados (*stricto e lato sensu*). O estatuto prevê ainda que não alcançado o quorum mínimo de 10% do processo eleitoral, obrigatoriamente deverá ser convocada uma assembleia geral para decidir sobre o assunto (art. 48). Com a decisão de dar sequência à apuração da única urna restante (campus Consolação - só votos *lato sensu*), contendo apenas 562 votos (6,5% de votos válidos), o presidente da comissão eleitoral descumpriu o que é previsto no estatuto da Associação. Não pode-

mos ficar passivos diante disso!

Não nos caemos! Repudiamos o golpe da chapa APG-INTEGRAÇÃO ATIVA! Todos os estudantes que tiveram sua voz calada ao serem desprezados com a impugnação da urna do campus Monte Alegre (todos os *stricto sensu*), ao serem esquecidos durante as eleições e ao serem enganados pela chapa APG-INTEGRAÇÃO ATIVA manifestem-se! Posicionem-se por um novo processo eleitoral!

Muitos foram os problemas desse processo, dentre eles, destacamos que o direito de formação de chapas não foi respeitado. Como a chapa da diretoria em vacância já planejava ser eleita sem uma disputa eleitoral, tornou público o edital apenas no último dia de inscrição de chapas. Ora, o estatuto exige pelo menos 15 dias de inscrição. Não podemos ser coniventes com essa manobra!

A APG/PUC-SP, além de ser um importante órgão que representa nossos interesses, recebe dinheiro arrecadado de todos os estudantes da pós-graduação. Queremos transparência com nosso dinheiro: onde estão publicadas as prestações de contas? Quem sabe o que é feito com ele? Essa situação não pode continuar.

Como sabemos, a

APG/PUC-SP é dirigida pelo mesmo grupo há 15 anos, sendo que há dez anos não se constituía uma chapa de oposição. Esta situação criou uma casta burocrática que utiliza a nossa entidade como trampolim político, ocupando ao mesmo tempo a direção da representação política dos estudantes da pós-graduação e cargos na administração da PUC.

Atualmente, o Coletivo DIVERSIDADE EM AÇÃO, juntamente com o Conselho Diretor da APG, eleito na Assembleia de 09/10, está recorrendo contra a posse ilegal decorrente de uma apuração também ilegal e encaminhando as propostas aprovadas na Assembleia. Por isso, convidamos todos e todas indignados para participarem da Plenária diversidade em ação: 18/11, Quinta-feira, às 17h30, no museu da cultura - Prédio Velho.

A PUC-SP sempre foi vanguarda em diversas lutas estudantis e políticas. Cabe a nós agora lutarmos contra o grande golpe da chapa APG-INTEGRAÇÃO ATIVA. Participe do coletivo DIVERSIDADE EM AÇÃO. Acompanhe nossas ações e integre-as. Acesse: www.diversidadeemacao.blogspot.com/diversidadeemacao@gmail.com

Coletivo Diversidade em Ação
Conselho Diretor da APG/PUC-SP

Chapa é empossada no Sindicato dos Metroviários

A chapa vencedora das eleições para o Sindicato dos Metroviários tomou posse no dia 6/11. A cerimônia aconteceu na sede do sindicato, reunindo pessoas de diversos movimentos que apóiam a chapa vencedora. A APROPUC enviou moção de apoio à chapa empossada.

A Associação dos Professores da PUC-SP - APROPUC - parabeniza o Sindicato dos Metroviários de São Paulo pela posse da nova gestão de seu sindicato. Os trabalhadores metroviários de São Paulo são de grande importância em nosso estado, estando na linha de frente da luta contra a privatização do transporte público e a precarização do sistema por con-

ta da terceirização que coloca em risco a vida de milhões de usuários. Desejamos que a nova gestão do Sindicato dos Metroviários passe a ser referência para o conjunto do movimento sindical, representado pela pluralidade e democracia na composição da diretoria, e referendada pela base da categoria.

Em tempos de ataques contra a classe trabalhado-

ra, a vitória da esquerda unificada no Sindicato dos Metroviários de São Paulo é uma esperança no fortalecimento de nossa luta contra retirada de direitos que são atacados pelo governo do PSDB, no estado de São Paulo, e do PT, no governo federal, e por novas conquistas para o conjunto da classe trabalhadora.

Saudações Sindicais
APROPUC

PM tortura filha de santo em assentamento do MST na Bahia

No dia 23/10, a Polícia Militar de Ilhéus realizou uma ação policial no assentamento Dom Helder Câmara do MST, no estado da Bahia, com a justificativa de procurar um suspeito traficante de drogas, que segundo os policiais residiria no acampamento.

Durante a busca, os policiais agrediram e torturaram a filha de santo, Bernadete de Souza, numa clara manifesta-

ção de intolerância religiosa. Assentados contaram que Bernadete estava incorporando um orixá quando foi agredida e torturada pelos policiais, e depois jogada dentro de um formigueiro para que "afastasse o santo dela". O advogado Valdir Mesquita relata que as agressões ocorreram depois de Bernadete ter questionado os policiais sobre a legalidade de uma ação feita sem mandado judicial.

Após ser retirada do formigueiro, a assentada foi arrastada por mais de 600 metros até a viatura, de onde foi conduzida à cadeia pública por acusação de insanidade mental.

Durante a ação policial, homens, mulheres e crianças estiveram sob a mira de metralhadoras. O suspeito traficante não foi localizado no assentamento.

Morte de militante continua repercutindo na Argentina

No dia 20/10, o militante argentino Mariano Ferreyra foi assassinado por homens armados no término de uma manifestação contra a demissão de trabalhadores ferroviários na Argentina. Além de um ato realizado no dia 21/10, uma série de homenagens e moções de repúdio circu-

lam entre militantes da América Latina.

A APROPUC recebeu texto de Juan Dal Maso, que homenageia Mariano Ferreyra. "A morte de um militante revolucionário é a morte de um dos melhores filhos dos trabalhadores e do povo. O militante revolucionário é aquele

que continua quando os outros já se cansaram, que sempre desconfia da versão oficial e quer estudar criticamente as interpretações da realidade", diz o texto. "Seu nome está escrito para sempre nas bandeiras de luta pela revolução socialista e a liberação da classe trabalhadora", conclui.

No Ceará, jornalista é demitido após publicar matéria sobre Revoluções

No momento em que a grande mídia distorce e critica o projeto de indicação aprovado na Assembleia Legislativa do Ceará, que propõe a criação do Conselho Estadual de Comunicação - sob a alegação de que vai "cercar a liberdade de expressão", o jornal Diário do Nordeste demitiu de forma arbitrária, no último dia 18/10, o jornalista Dawton Moura. O motivo: ter escrito e editado matéria no Caderno 3 sobre as revoluções marxistas que marcaram os séculos XIX e XX.

O caderno especial, de seis páginas, foi considerado pela direção da empresa "panfletário" e "subversivo", além de "inoportuno ao momento atual". A matéria foi pautada pelo editor-chefe do jornal, Ildefonso Rodrigues, que, no entanto, ao comunicar a demissão do jornalista se limitou a dizer que "não sabia o conteúdo da reportagem até vê-la publicada".

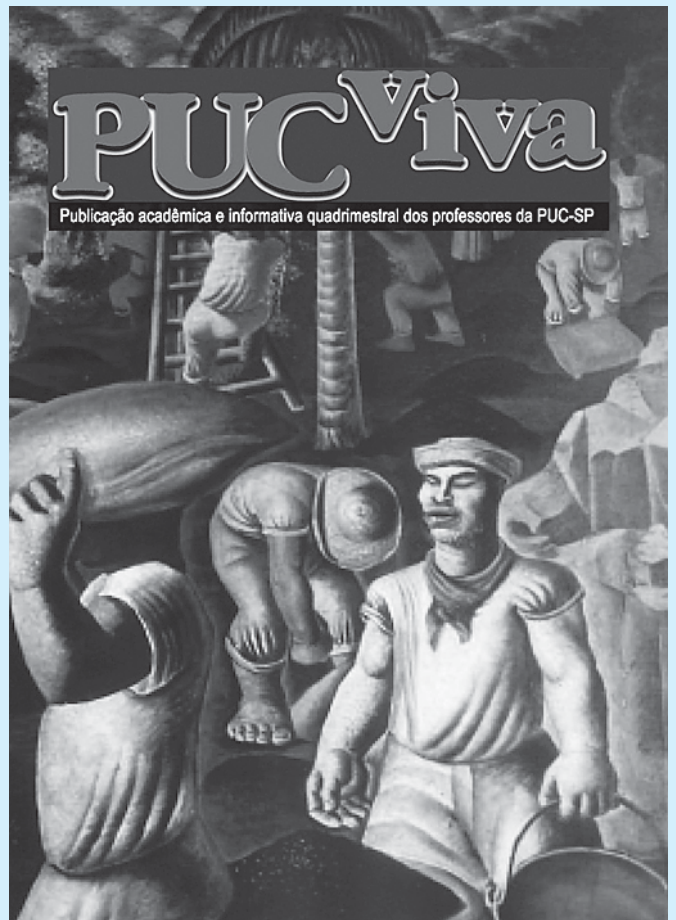
A demissão do então editor do Caderno 3 expõe o abismo entre o discurso da grande mídia, que se diz ameaçada em sua liberdade de expressão - inclusive atacando com este falso argumento o projeto do Conselho de Comunicação do Estado -, e suas práticas cotidianas, restritivas ao exercício profissional dos jornalistas, bem como à livre opinião de colaboradores e leitores.

ROLA NA RAMPA

APROPUC lança revista *PUCviva* sobre agricultura

No dia 8/11, às 19h, será lançada, no auditório 333, a edição número 36 da Revista *PUCviva*, publicação acadêmica e informativa da APROPUC, que destaca o tema da agricultura no Brasil. Com edição geral de Bia Abramides e Marijane Lisboa, a revista traz artigos de Paulo Petersen, Fernando Bardelli, Plínio Arruda Sampaio, Rui Costa Pimenta, Wendell Ficher, Juliana Santili, Raul Marcelo, Marco Antonio de Moraes, Lia Giraldo da Silva e Daniel Araújo. No editorial, a professora Bia Abramides destaca como a agricultura brasileira é atrasada: "a estrutura agrária brasileira constituiu-se em uma das mais retrógradas do mundo, com enormes extensões de terra concentradas nas mãos de poucos latifundiários, para fins altamente lucrativos. Os capitais agrário, industrial e financeiro são parte da mesma lógica de acumulação capitalista, que

tem na força de trabalho humano, da cidade e campo sua mercadoria primeira, fonte de lucro pela superexploração do trabalho na extração da mais-valia". Já a professora Marijane Lisboa explica na apresentação porque os movimentos sociais lutam contra o atual modelo de agricultura do país: "contra esse modelo de agricultura insustentável, ambiental e socialmente, é tecida aos poucos uma rede de movimentos sociais, reunindo agricultores sem terra, camponeses, ambientalistas, movimentos de saúde pública e populações indígenas e tradicionais, que se articula internacionalmente a outras tantas redes, como a Via Campesina. A agricultura familiar e ecológica é sua aposta na sobrevivência da humanidade". As revistas foram enviadas pela APROPUC à casa de todos os professores e professoras associadas.



Seminário debate papel da Defensoria Pública

O Centro Acadêmico 22 de Agosto, em parceria com a Faculdade de Direito, promoverá no dia 11/11, um seminário para debater o papel da Defensoria Pública. O evento visa levar a discussão da Educação em Direito aos estudantes, almejando difundir melhor essa prática e sensibilizar os estudantes para a sua

importância. Pretende-se também esclarecer o papel da Defensoria Pública, principalmente seus núcleos, começando a estimular uma parceria, além de instalar o debate nas faculdades sobre o papel dos estudantes na educação popular. Os debates começarão às 9h e se estendem por todo o dia no auditório 239.

Lançada a 31ª edição da Revista Crítica Marxista

Já está disponível nas bancas e livrarias a 31ª edição da Revista Crítica Marxista, importante publicação acadêmica. Nesta edição os artigos publicados são dos professores João Aguiar e Nádia Bastos, João Quartim

de Moraes, Dieter Boris e Stefan Schmalz. Além dos artigos a publicação também traz um dossiê sobre *A Teoria da História de Karl Marx: uma defesa*, de Gerald A. Cohen, e inúmeras outras publicações.

Demissão de funcionária é suspensa pelo Consad

No dia 20/10, a funcionária da Secretaria de Administração Escolar (SAE) Sainara Gonçalves de Alencar foi demitida. A funcionária protocolou junto ao Conselho Superior de Administração (Consad) um recurso contra-argumentando as alegações utilizadas pela sua chefia na solicitação de demissão. Os argumentos da funcionária foram leva-

dos em conta pelo Consad, que suspendeu a demissão e encaminhou o processo para diligência junto à SAE e DRH. A AFAPUC espera que esta demissão não se concretize, a exemplo do que vêm acontecendo nos últimos meses com funcionários administrativos que "pontualmente" são demitidos ou obrigados a se demitir da PUC-SP.

PUC-SP e Vale fecham acordo

A PUC-SP firma convênio de cooperação com a Vale no próximo dia 12/11, às 11h, na sala P-65, campus Perdizes, com a presença dos Secretários Executivos da Fundação São Paulo, do Reitor, de representantes da Pró-

Reitoria de Pós-Graduação e da Diretoria da Vale/ Instituto Tecnológico Vale (DITV). Na ocasião, serão feitas exposições pelos representantes dessas entidades sobre as perspectivas da parceria para a PUC-SP.